

An illustration of a man with dark hair, wearing a blue jacket and a backpack, looking over a lush green landscape. In the distance, a path leads through the fields, and several small figures of people are visible. A young boy in a green vest and brown shorts stands in the foreground, looking towards the man. The scene is set in a rural area with rolling hills and trees.

OSCAR WILDE

O gigante egoísta

Todas as tardes, ao saírem do colégio, as crianças costumavam ir brincar no jardim do Gigante.

Era um jardim lindo e grande, com grama verde e suave. Aqui e ali, sobre a grama, apareciam flores belas como estrelas, e havia doze pessegueiros que, na primavera, abriam-se em flores delicadas em tons de rosa e pérola e davam ricos frutos no outono. Os pássaros pousavam nas árvores e cantavam tão docemente que as crianças costumavam parar de brincar só para ouvi-los.

— Como nos sentimos felizes aqui! — exclamavam elas.

Certo dia o Gigante voltou. Ele tinha andado visitando seu amigo, o ogre da Cornualha, e ficara sete anos com ele. Depois de sete anos ele já havia dito tudo o que tinha para dizer, já que sua conversa era limitada, e resolveu voltar para seu próprio castelo. Ao chegar, ele viu as crianças brincando no jardim.

— O que é que vocês estão fazendo aqui? — gritou ele com uma voz muito ríspida, e as crianças saíram correndo.

— O meu jardim é o meu jardim — disse o Gigante. — Qualquer um pode compreender isso. Eu não vou permitir que ninguém brinque nele, a não ser eu mesmo.

De modo que ele construiu um muro alto em torno do jardim e colocou um cartaz de aviso.

OS INVASORES SERÃO PROCESSADOS

Ele era um Gigante muito egoísta.

As pobres crianças agora não tinham mais onde brincar. Elas tentaram a estrada, mas a estrada era muito poeirenta e cheia de pedras duras, e elas não gostavam. Começaram a passear em torno do muro depois das aulas, conversando sobre o lindo jardim que ficava lá dentro. “Como éramos felizes lá!”, diziam umas às outras.

Então chegou a Primavera, e por todo o país apareceram pequenas flores e pequenos pássaros. Só no jardim do Gigante Egoísta é que continuava a ser inverno. Os passarinhos não gostavam de cantar lá, porque não havia crianças, e as árvores se esqueceram de florescer. Certa vez uma flor bonita começou a brotar, mas ao ver o cartaz de aviso ficou com tanta pena das crianças que se enfiou de volta no chão e adormeceu. Os únicos que estavam contentes eram a Neve e o Gelo.

— A Primavera se esqueceu deste jardim — exclamaram eles —, de modo que podemos viver aqui o ano inteiro.

A Neve cobriu toda a grama com seu manto branco, e o Gelo pintou todas as árvores de prata. Eles convidaram o Vento do Norte para se hospedar com eles, e ele veio. Todo enrolado em peles, rugia o dia inteiro pelo jardim, derrubando as chaminés com seu sopro.

— Este lugar é ótimo — disse ele. — Nós precisamos convidar o Granizo para fazer uma visita.

E o Granizo apareceu. Todos os dias, durante três horas, ele matracava no telhado do castelo até quebrar quase todas as telhas, e depois corria, dando voltas no jardim o mais depressa que podia. Sempre vestido de cinza, soprava gelo para todo lado.

— Não entendo por que a Primavera está demorando tanto a chegar! — disse o Gigante Egoísta, sentado junto à janela e olhando para seu jardim frio e branco. — Espero que o tempo mude logo.

Mas a Primavera não apareceu, nem o Verão. O Outono trouxe frutos dourados para todos os jardins, mas nenhum para o do Gigante.

— Ele é muito egoísta — disse o Outono.

De modo que ali ficou sendo sempre inverno, e o Vento Norte e o Granizo, a Neve e o Gelo dançavam em meio às árvores.

Certa manhã, o Gigante estava deitado na cama, acordado, quando ouviu uma música linda. Soava com tal doçura em seus ouvidos que ele até pensou que deviam ser os músicos do Rei que passavam. Na realidade era apenas um pequeno pintarroxo cantando do lado de fora de sua janela, mas já fazia tanto tempo que ele não ouvia um só passarinho em seu jardim que aquela parecia ser a música mais bonita do mundo. E então o Granizo parou de dançar sobre a cabeça dele, e o Vento do Norte parou de rugir, e um perfume delicioso chegou até ele, através da janela aberta.

— Acho que finalmente a Primavera chegou — disse o Gigante. — E,

pulando da cama, olhou para fora.

O que ele viu?

A visão mais bonita que se possa imaginar. Por um buraquinho no muro as crianças haviam conseguido entrar, e estavam todas sentadas nos ramos das árvores. Em todas as árvores que ele conseguiu ver havia uma criança. E as árvores estavam tão contentes de terem as crianças de volta que se cobriram de flores, balançando delicadamente os galhos, por cima das cabeças da meninada. Os passarinhos voavam de um lado para outro, chilreando de prazer, e as flores espiavam e riam. Era uma cena linda, e só em um canto é que continuava a ser inverno. Era o canto mais distante do jardim, e nele estava de pé um menininho. Ele era tão pequeno que não conseguia alcançar os ramos da árvore, e ficou andando em volta dela, chorando, muito sentido. A pobre árvore continuava coberta de neve e gelo, e o Vento do Norte soprava e rugia acima dela.

— Sobe logo, menininho! — dizia a Árvore, curvando os ramos o mais que podia. Mas o menino era pequeno demais.

E o coração do Gigante se derreteu quando ele olhou lá para fora.

— Como tenho sido egoísta! — disse ele. — Agora já sei por que a Primavera não aparecia por aqui. Vou colocar aquele menininho em cima daquela árvore, depois vou derrubar o muro, e meu jardim será um lugar onde as crianças poderão brincar para sempre e sempre.

Ele estava realmente arrependido do que tinha feito. E assim, desceu as escadas, abriu a porta da frente com toda a delicadeza, e saiu para o jardim. Mas, quando as crianças o viram, ficaram tão assustadas que fugiram, e o inverno voltou ao jardim. Só o menininho pequeno é que não fugiu, porque seus olhos estavam marejados de lágrimas e não viu o Gigante chegar. E o Gigante aproximou-se de mansinho por trás dele, pegou delicadamente em sua mão e o colocou em cima da árvore. A árvore imediatamente floresceu, e os passarinhos vieram cantar nela; o menininho esticou os braços, passou-os em torno do pescoço do Gigante e o beijou. Quando viram que o Gigante não era mais mau, as outras crianças voltaram correndo, e com elas veio a Primavera.

— Agora o jardim é de vocês, crianças — disse o Gigante. E, pegando um imenso machado, derrubou o muro. Quando toda a gente começava a ir para o mercado, ao meio-dia, lá estava o Gigante brincando com as crianças no jardim mais bonito que todos já haviam visto.

Elas brincavam o dia inteiro, mas quando chegava a noite despediam-se do

Gigante.

— Mas onde está seu companheirinho? — perguntou ele. — O menino que eu botei em cima da árvore.

O Gigante gostava dele mais do que de todos os outros, porque ele lhe havia dado um beijo.

— Nós não sabemos — responderam as crianças. — Ele foi embora.

— Vocês têm de dizer a ele para não deixar de vir amanhã — disse o Gigante.

Mas as crianças disseram que não sabiam onde ele morava e que jamais o haviam visto antes. O Gigante ficou muito triste.

Todas as tardes, quando acabavam as aulas, as crianças iam brincar com o Gigante. Mas o menininho de quem o Gigante gostava nunca mais apareceu. O Gigante era muito bondoso com todas as crianças, mas sentia saudades de seu primeiro amiguinho, e muitas vezes falava nele.

— Como eu gostaria de vê-lo! — costumava dizer.

Os anos se passaram, e o Gigante ficou mais velho e fraco. Ele já não conseguia brincar direito, então ficava sentado em uma poltrona enorme, olhando as crianças que brincavam e admirando seu jardim.

— Tenho tantas flores lindas — dizia ele —, mas as crianças são as flores mais bonitas de todas.

Certa manhã de inverno, ele olhou pela janela enquanto se vestia. Agora já não odiava o inverno, pois sabia que este era apenas a Primavera enquanto dormia e que as flores estavam descansando.

De repente ele esfregou os olhos, espantado, e olhou, e olhou, e olhou. Era por certo uma visão maravilhosa. No cantinho mais distante do jardim havia uma árvore toda coberta de flores brancas. Seus ramos eram dourados, carregados de frutos de prata, e debaixo deles estava o menininho que ele amava.

O Gigante correu pelas escadas, com a maior alegria, e saiu para o jardim. Cruzou depressa o gramado e chegou perto do menino. E quando chegou bem perto, seu rosto ficou rubro de raiva, e ele disse:

— Quem ousou te ferir?

Nas palmas das mãos da criança estavam as marcas de dois pregos, como havia marcas de dois pregos em seus pezinhos.

— Quem ousou te ferir? — gritou o Gigante. — Dize-me, para que eu possa tomar de minha grande espada para matá-lo.

— Não — respondeu o menino —, pois essas são as feridas do Amor.

— Quem és? — perguntou o Gigante, e quando o temor apossou-se dele, ajoelhou-se diante da criança.

A criança sorriu para o Gigante e lhe disse:

— Você me deixou, certa vez, brincar em seu jardim, e hoje você irá comigo para o meu jardim, que é o Paraíso.

Naquela tarde, quando as crianças chegaram correndo, encontraram o Gigante morto, deitado debaixo da árvore, todo coberto por flores brancas.